

NOTICIÁRIO

CONCURSO DE LIVRE-DOCÊNCIA NA CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Realizou-se nos dias 6, 7 e 8 de junho de 1966 o concurso de Livre-Docência na Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo da Dra. Myriam Ellis. A candidata, professora-assistente da mesma cadeira, é formada em Letras Neo-Latinas e Geografia e História, com cursos de Especialização em História da Civilização Brasileira, Americana e Contemporânea. Doutorou-se em 1955. Dentre os seus trabalhos publicados, destaca-se a tese de doutoramento intitulada: **O Monopólio do Sal no Estado do Brasil (1631-1801)**.

Para o presente concurso a Dra. Myriam Ellis apresentou à banca examinadora a tese intitulada: **As Feitorias Baleeiras Meridionais do Brasil Colonial**. O trabalho em questão é uma contribuição valiosa e pioneira ao conhecimento de vários aspectos ainda pouco estudados da História Econômica do Brasil Colonial, entre os quais citamos: o das atividades econômicas secundárias, o das técnicas, o do monopólio português no Brasil, e outros.

Baseada em extensa bibliografia nacional e estrangeira, e em copiosa documentação inédita, a tese reconstitui uma atividade quase esquecida do período colonial, a pesca das baleias e a manufatura do óleo, de extrema importância, pois, o óleo extraído dos cetáceos destinava-se à iluminação de casas, engenhos, fortalezas, quartéis, ruas, etc., e à confecção da argamassa para construções públicas ou particulares.

A tese está dividida em cinco capítulos, que passamos a resumir brevemente.

No capítulo I: **O Alvorecer da Indústria Baleeira no Brasil Colonial e as Pescarias do Norte**, a autora trata da antiquíssima pescaria das baleias feita pelos bascos na Europa, sua introdução na Bahia pelos mesmos biscainhos, a instalação do monopólio da pesca da baleia no Brasil e breve histórico dos contratos na Bahia.

No capítulo II: **A Expansão Geográfica das Feitorias Baleeiras e o Estabelecimento das Pescarias do Sul. A Armação no Brasil Meridional**, encontramos um histórico da criação e expansão das três áreas de pesca do Sul; a fluminense, a paulista e a catarinense e a descrição do núcleo baleeiro em si, isto é, a "Armação" com todos os seus componentes: o engenho, as oficinas, as moradias, a capela e outros. Temos ainda aí o estudo do problema do abastecimento da feitoria baleeira.

O capítulo III: **O Trabalho nas Feitorias do Sul. A Mão-de-Obra e as Técnicas Baleeiras. O Destino da Produção**, trata minuciosamente do problema da mão-de-obra escrava e remunerada na armação com seus problemas e necessidades. As técnicas da indústria baleeira, des-

de a pescaria até a extração do óleo, são largamente descritas, assim como a própria baleia. Na parte final deste capítulo estuda a autora os problemas da expedição, distribuição e exportação do óleo de baleia assim como um item especial sobre a utilização de óleo de baleia no Brasil Colonial para a iluminação e outros fins.

Encontramos no capítulo IV: **Monopólio e Contratos das Feitorias do Sul**, a análise dos contratos das diversas áreas das Feitorias Meridionais desde a sua instalação até a extinção do monopólio em 1801, inclusive o período de maior expansão, o dos Quintela (grandes comerciantes da praça de Lisboa) com a instalação da "Companhia de Pesca de Baleias das Costas do Brasil (1765-1789)".

No capítulo final: **Da Administração da Fazenda Real à Liquidação das Pescarias do Sul. O Fim das Armações Meridionais do Brasil**, é examinada a decadência da pesca na época da administração da Fazenda Real acelerada pela interferência de baleeiros yankees e ingleses nas águas brasileiras e ainda a última tentativa de reerguimento da indústria com a criação da "Sociedade da Real Pescaria das Baleias" e o seu fracasso e o destino final de cada uma das armações do Sul.

Constituiu-se a banca examinadora das seguintes pessoas: Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda, catedrático de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello, catedrático de História da Civilização Americana da mesma Faculdade; Profa. Dra. Alice Piffer Canabrava, catedrática de História Econômica Geral e do Brasil da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo; Profa. Dra. Nícia Vilela Luz, livre-docente da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e o Prof. Dr. Francisco Iglésias, livre-docente da Cadeira de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais.

A prova didática realizou-se no dia 7 e versou sobre o seguinte tema: "As primeiras entradas na Bahia e nas capitanias do Centro". A candidata expôs o tema com objetividade, método, segurança e precisão de linguagem que patentearam erudição e capacidade didática segundo os pareceres da banca examinadora.

*

DEFESA DE TESE

Arguição do Prof. Dr. Francisco Iglésias.

O Prof. Iglésias iniciou sua arguição com um preâmbulo no qual elogiou os trabalhos anteriores da candidata, a qual, segundo ele, vem revelando aspectos pouco estudados da nossa História Econômica, tais como atividades do comércio interno, os produtos secundários, os monopólios, etc.. Lembrando a importância destes estudos disse o Prof. Iglésias que a "a orografia histórica não é só de cimos mas também de planícies e vales".

Considerou o examinador a tese como uma boa reconstituição e análise da pesca da baleia no Brasil Colonial, mas um tanto descritiva. Deveria ter um pouco mais de síntese e interpretação. Acredita, ainda, que um enquadramento no panorama econômico, social e político do período daria uma melhor visão de conjunto e da realidade em mudança. A modéstia impediu, talvez, que alçasse um vôo maior nas suas explicações e afirmações.

O fator da estagnação daquela indústria, devido a realidade econômica colonial, com sua preocupação centralizada em produtos de exportação, não foi bem explicado, embora tenha sido apontado. Certos dados numéricos, como preços de mercadorias, de salários da mão-de-obra, não foram relacionados com outros valores, daí a sua pouca significação.

Nas conclusões, discordou da importância dada pela candidata à interferência estrangeira —, americanos e ingleses — na pesca praticada no litoral brasileiro. Também, não crê que o monopólio seja uma das causas da decadência, mas sim o caráter colonial da economia em que um produto que não fôsse para exportação não despertava maior interesse, mesmo sem restrições governamentais. Poderia ter aprofundado o estudo da “Companhia da Pesca das Baleias nas costas do Brasil”, explicando melhor porque ela inaugura um novo período na história daquele monopólio no Brasil e explorado melhor a “Memória sobre a Pesca das Baleas, e a extração do seu azeite...” de José Bonifácio de Andrada e Silva e a política de D. Rodrigo de Souza Coutinho, dentro do quadro da evolução do liberalismo econômico em Portugal. Sugeriu ainda que seria interessante um confronto entre o “engenho canavieiro” e o de “frigir azeite”. Concluiu dizendo considerar o trabalho uma contribuição valiosa para a historiografia brasileira, possibilitando um enriquecimento maior da visão do Brasil Colonial. Elogiou o imenso trabalho de levantamento e devassamento de fontes, a preocupação geográfica sempre presente nas descrições, mapas, cartas, etc., o uso da tela de Leandro Joaquim (pintor fluminense da segunda metade do século XVIII) como importante documento histórico e sobretudo o amor ao tema demonstrado pela candidata, até mesmo pela participação pessoal numa pescaria de baleias. Destacou, por fim, o interesse emocional que lhe despertou a dramática descrição da caça ao cetáceo, que o levou a ler obras literárias a respeito.

Resposta da candidata.

A candidata iniciou sua resposta agradecendo as referências elogiosas e exprimindo satisfação em ter o Prof. Iglésias como examinador que veio prestigiar-lhe o concurso com críticas lúcidas e objetivas, de que depreendia sugestões para novos trabalhos. Muitas das críticas vieram de encontro àquelas feitas pela própria candidata, que fazendo um trabalho pioneiro, verdadeiro levantamento arqueológico dos núcleos baleeiros meridionais do Brasil Colonial e reconstituição histórica de uma atividade, por assim dizer esquecida e perdida no pas-

sado. Daí o caráter descritivo inevitável da tese que, sendo um verdadeiro trabalho de reconstrução histórica, não prescindiu da descrição das técnicas de pesca e manufatura, da aparelhagem da “feitoria”, do elemento humano e de seus problemas. A interpretação existe, disse a candidata, e citou, entre outros, o exemplo da correlação feita entre os fatores geográficos e a localização das “feitorias” baleeiras na costa brasileira demonstradas no trabalho. Desbastar o caminho para outros estudos a respeito e divulgar a importante documentação existente também foi um dos objetivos do trabalho e daí o grande número de notas de rodapé.

Não foi possível fazer um confronto dos dados numéricos, porque isso demandaria várias pesquisas paralelas; não os omitiu, todavia, na esperança que poderão servir para trabalhos futuros, bem como de elementos de informação para os estudiosos da História econômica do Brasil Colonial interessados em pesquisas correlatas.

A candidata defendeu sua afirmação de que a pesca efetuada pelos norte-americanos nas Falklands e na Patagônia teria interceptado o fluxo das baleias ao litoral brasileiro e provocado o desvio desses animais dessa área rumo às costas africanas; citou como prova incontestável as inúmeras cartas inéditas dos administradores das “armações” de Santa Catarina, importantes documentos em que se encontram freqüentes queixas sobre a pesca no litoral brasileiro praticada pelos *yankees* e ingleses. Lembrou ainda que, quando trata do problema da decadência da indústria baleeira no Brasil, não descurou da influência do sistema do monopólio do próprio caráter desta atividade, tecnicamente atrasada, sempre frágil, limitada e muito dependente das condições climáticas.

A “Companhia da Pesca das Baleias (1765-1789)” organizou fusão geral dos contratos com o contrato de Ignacio Pedro Quintela e Cia., embora já houvesse antes uma tendência nesse sentido, talvez para evitar concorrência prejudicial entre as “armações”. E’ quando se reestruturou a pesca e a indústria do óleo e iniciou-se a extração do espermacete do cérebro do cachalote. A questão da extinção da Companhia foi esclarecida dentro das possibilidades oferecidas pela documentação obtida e dos interesses do trabalho cujo tema central aborda o estudo dos núcleos baleeiros meridionais do Brasil Colonial, Caberia à “Companhia da Pesca das Baleias nas Costas do Brasil” um estudo monográfico que demanda novas e amplas pesquisas no Brasil e em Portugal, estudo êsse que não está fora das cogitações da candidata. Quanto à “Memória... de José Bonifácio acredita ter sido suficientemente explorada dentro dos objetivos do trabalho tendo evitado, mais uma vez, a autora alongar-se em setores paralelos ao tema central. Pela mesma razão não procurou fazer a comparação entre o “engenho de açúcar” e o “engenho de frigar”.

Arguição da Profa. Dra. Alice Piffer Canabrava.

A Profa. dra. Alice Piffer Canabrava, entre as várias referências elogiosas à tese apresentada pela candidata, ressaltou o valor do trabalho que considerou dentro dos padrões de honestidade inte-

lectual da profa. dra. Myriam Ellis, cuja carreira tem acompanhado com interesse. A seu ver éle apresenta três méritos fundamentais, a saber: 1.º) a enorme e valiosa documentação que é trazida à luz; 2.º) a excelência da parte cartográfica com mapas, cartas e plantas que balizam todo o texto; 3.º) a documentação iconográfica da qual cita como exemplo, o quadro do pintor Leandro Joaquim sôbre a pesca na baía da Guanabara, muito bem aproveitado como documento histórico de grande importância que é.

Passando às críticas, notou que o trabalho foi feito dentro da técnica descritiva, quando o ideal teria sido fazer um esforço maior de interpretação dos fatos dentro de um quadro mais amplo que o das baleias, por exemplo, dentro do sistema colonial dos monopólios da época mercantilista. Achou ainda, que na tese a grande ausente é a baleia, pois, ela só foi estudada depois de morta, não tendo sido colocado o problema da baleia viva. Seria interessante o estudo dos hábitos fundamentais do animal (alimentação, procriação, etc.), que foram apresentados precariamente. Sugeriu a necessidade de um mapa que mostrasse as migrações do animal e as perturbações que a colonização e o povoamento teriam ocasionado nos hábitos dos cetáceos. Segundo a examinadora existe uma ausência de dinâmica em relação ao tempo que talvez fôsse possível comprovar pelo exame dos contratos que mostrariam a evolução dos mesmos em 200 anos. Sugeriu a possibilidade de fazer o estudo da organização financeira das empresas desde o início, quando elas são formadas por um ou vários indivíduos, até a sociedade por ações do século XIX.

Faltou um capítulo sôbre o conceito de "feitoria" que, entretanto, viu-se alargado pela tese, pois, não é mais só o já conhecido, estabelecimento de recolhimento de matéria prima, mas também o de transformação da mesma. Pediu uma explicação sôbre o título: **As Feitorias Baleiras Meridionais do Brasil Colonial**. Pondera que o trabalho não explorou suficientemente as atividades subsidiárias dentro das feitorias baleeiras. O vocabulário funcional da técnica poderia ter sido colocado no fim, o que o valorizaria mais, em vez de deixá-lo no texto como está. Lembrou ainda uma série de problemas sugeridos pela tese tais como: o do recrutamento da mão-de-obra especializada, o dos homens de empresa (os contratadores), cujo interesse pela indústria significaria ser ela muito lucrativa e o desinteresse posterior, a falta de condições de lucro. Para a examinadora o problema da decadência, além dos motivos apresentados, explica-se, sobretudo, pelo estágio técnico extremamente atrasado da metrópole e do Brasil.

Resposta da candidata.

A candidata agradeceu as referências elogiosas ao seu trabalho a as críticas objetivas e construtivas da examinadora e deu início à sua argumentação. Quanto à técnica descritiva do trabalho afirmou que não poderia ter seguido outro caminho, uma vez que sua tese é um trabalho pioneiro. A descrição, primeiro passo para futuras interpretações a serem feitas pela própria candidata, ou por

outrém, foi dado neste trabalho. A interpretação existe, dentro da medida do possível, dada a natureza do mesmo, na introdução e nas conclusões.

A baleia viva não está ausente do trabalho, pois, ela foi classificada e descrita nos seus hábitos (de alimentação, procriação, migração) no Capítulo II, parte 2a., item a), não sendo mais aprofundada esta parte porque o trabalho é uma monografia histórica sobre as “feitorias” baleeiras e houve preocupação, por parte da candidata, em não adentrar pelo campo específico da zoologia.

Quanto à necessidade de um mapa sobre o deslocamento das baleias, embora desejasse ardentemente elaborá-lo, afirmou a candidata não existirem ainda condições para tal realização; o que se explica por falta de elementos — especialmente no Brasil — no campo da zoologia sobre a vida desses animais no Atlântico Sul; no da oceanografia sobre as correntes marítimas e no da climatologia sobre condições favoráveis e desfavoráveis à aproximação das baleias em relação ao litoral brasileiro. E chamou atenção para a quase inexistente bibliografia sobre as baleias e seus hábitos no Atlântico brasileiro. É possível que a colonização, o povoamento, o desenvolvimento do comércio do Rio de Janeiro com o ouro, tenha perturbado a vida das baleias, mas faltam contudo elementos comprobatórios. A colocação do problema do monopólio da pesca das baleias dentro do sistema colonial dos monopólios lusitanos não foi possível, porque os mesmos ainda não foram estudados em sua totalidade, o que impede uma comparação entre eles. Aliás, a tese em questão e trabalhos anteriores da candidata sobre o monopólio do Sal e o sistema de Registros relacionados ao abastecimento das regiões mineradoras do Brasil Colonial, são uma contribuição para o estudo desse problema que ela, candidata, pretende continuar. A falta de muitos contratos não permitiu, pois, o estabelecimento de uma seqüência cronológica que possibilitasse a comprovação da existência da dinâmica sugerida pela examinadora e também muito almejada pela autora. O conceito de “feitoria” comportaria um estudo profundo da evolução da palavra que iria além dos objetivos do trabalho. No que se refere ao problema do título “As Feitorias Baleeiras Meridionais...” a expressão **meridionais** decorre da clássica divisão do litoral do Brasil nos setores Setentrional, Oriental e Meridional e também da documentação do século XVIII relativa à pesca da baleia, onde surgem as expressões “Pescarias do Norte” e “Pescarias do Sul”.

A candidata concordou com a idéia da colocação de um vocabulário funcional ou glossário no fim do trabalho. Explicou, todavia, que preferiu colocar em notas as explicações à terminologia baleeira empregada, explicações que, por razões técnicas inerentes à confecção material da tese, foram para o final dos capítulos, o que as distanciou do texto contra o objetivo inicial.

Quanto à questão dos homens de empresa é com efeito um assunto palpitante a ser estudado e para o qual a candidata acredita ter dado o passo inicial.

Arguição da Profa. Dra. Nícia Vilela Luz.

A examinadora louvou inicialmente a dedicação da candidata à pesquisa histórica. Passando às críticas disse que a tese em questão não conseguiu dar um quadro nítido das atividades da pesca da baleia no Brasil Colonial e da sua importância que teria sido lembrada somente numa nota da página 31. Deveria ter sido mais categórica na afirmação de sua importância, pois, embora de caráter secundário, esta atividade forneceu o óleo imprescindível para a iluminação na colônia. As “feitorias” foram centro de outras atividades como: ferraria, tanoaria, construção naval, etc., e a exploração destes aspectos deveria ser mais extensa. Achou o texto parco em datas, não ficando bem especificadas as épocas de que trata. A candidata encarou o período colonial como algo imutável. Segundo a examinadora não foram expostos os objetivos do trabalho e sugeriu que em vez da parte geográfica apresentada na Introdução, eles aí fôssem colocados, bem como comentários sobre a bibliografia. A escolha do tema não foi justificada, nem tampouco o trabalho se limitou às feitorias meridionais.

Os novos característicos apontados nas feitorias meridionais, principalmente nas de Santa Catarina, a partir de 1765, não ficaram bem claros e especificados. O homem está pouco caracterizado no trabalho, onde existe muita baleia. A candidata ficou excessivamente fascinada pelo quadro de Leandro Joaquim.

A examinadora não concordou ainda com a afirmação de que o abandono das roças do litoral, próximas às feitorias, fôsse motivado pela pesca da baleia. Os dados numéricos foram apresentados sem muita elaboração e a descrição das técnicas foi feita sem comparação com outras da época. Quanto à decadência da indústria, atribuída pela candidata à interferência estrangeira e ao monopólio, está não ficou bem explicada. Ainda teria sido feita, pela mesma candidata, confusão entre liberalismo e comércio livre. Não foi abordada a questão fundamental do atraso tecnológico do Brasil e de Portugal que tentativas de modernização não conseguiram superar. Por que a candidata considerou exagerada a estimativa feita por La Pérouse sobre a quantidade de baleias arpoadas em Santa Catarina? Não concordou com a afirmativa de que a decadência da produção do ouro tivesse provocado uma crise econômica no fim do século XVIII quando a agricultura renascente teria substituído este metal.

Resposta da candidata.

A candidata agradeceu à examinadora a sua aquiescência em participar da banca e às críticas que elaborou.

Contestou a objeção segundo a qual não ressaltou na tese a importância do óleo de baleia para a iluminação no período colonial. E acrescentou ter estudado até a importância dos óleos vegetais (mamona, côco, jandiroba, oliveira, etc.) para o mesmo fim. O consumo do óleo da baleia não fez mais do que aumentar durante o século

XVIII, com o incremento de população provocado pelo advento da mineração. Tanto que, com a descoberta do ouro, a pesca até então estagnada no Rio de Janeiro, expandiu-se para o litoral paulista e catarinense. Ainda mais, o óleo de baleia não era só usado pelas camadas mais pobres da população para iluminação das suas casas, como também nas fortalezas, quartéis, engenhos, barcos, ruas, etc., sendo o excedente exportado para Portugal. Os resíduos do beneficiamento, ou a “bôrra”, eram empregadas nas construções mais variadas. No que se refere às atividades subsidiárias, tais como a ferraria, tanoaria, carpintaria, e outras, a candidata julgou ter dado a ênfase necessária para o objetivo do seu trabalho. Quanto às datas procurou não abusar da cronologia; lançou mão das que considerou indispensáveis e preferiu relegar minúcias cronológicas às notas de rodapé, reunidas ao fim de cada capítulo, notas essas a que recorreu com prodigalidade. Julgou não haver necessidade de justificações para o tema, nem de explicações bibliográficas na Introdução do trabalho, preferindo, ao invés realçar o quadro geográfico do litoral meridional brasileiro, indispensável à explicação da localização das feitorias baleeiras e do campo de suas atividades naquela região. O trabalho limitou-se às feitorias meridionais porque trata-se de um estudo regional que abordou uma área bem caracterizada e desde o início das atividades da caça ao cetáceo no Brasil Colonial duas áreas baleeiras nitidamente separadas se estabeleceram: a das “pescarias do Norte” e a das “pescarias do Sul”.

Não deixou de tratar das transformações — reestruturação e evolução — que sofreram as feitorias meridionais sob a administração pombalina a partir de 1765. O homem não foi esquecido e sim estudado na medida do necessário para o trabalho, cujo escôpo foi tratar da indústria baleeira. Não negou a candidata o interesse que lhe despertou o quadro de Leandro Joaquim, visto que, além de obra de arte, é um importante documento e talvez o único que retrata a atividade baleeira do passado colonial brasileiro, desde o arpoamento do animal até a manufatura do óleo.

A pesca da baleia explica o abandono das roças em muitas áreas da costa brasileira devido ao recrutamento, muitas vezes forçado, dos lavradores para as operações da pesca da baleia. Ficavam frequentemente retidos nas feitorias baleeiras por largo tempo para a prática das fainas marítimas durante a estação da pesca e depois obrigados por dívidas para com as mesmas, caso esta fôsse má. A descrição das técnicas se explica pela necessidade, pela obrigatoriedade de sua reconstrução, e comparações não foram feitas pela inexistência de elementos paralelos com que compará-las.

Reiterou mais uma vez a candidata a sua afirmação de que a interferência dos **yankees** na pesca do alto mar e até no litoral, perturbando as operações dos brasileiros, é valiosa para explicar a decadência da indústria, citando as já aludidas cartas dos Administradores das “armações” de Santa Catarina. Ela se acelerou ainda mais com a introdução permitida do óleo de baleia fabricado pelos ingleses no mercado brasileiro.

Arguição do Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello.

Com a palavra o Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello manifestou o seu imenso regozijo em participar da banca examinadora da Dra. Myriam Ellis, cuja vida profissional tem acompanhado com o máximo interesse desde quando regeu a cadeira de História da Civilização Brasileira e foi o orientador da tese de doutoramento da candidata sobre o “O Monopólio do Sal no Estado do Brasil”. Felicitou-a pelo progresso que tem demonstrado nos trabalhos até agora realizados, de que é um evidente exemplo a tese apresentada ao concurso de Livre-Docência junto àquela Cadeira. Com ênfase, lembrou que anos antes reclamara da candidata a presença do homem na sua tese de doutoramento e com alegria notava agora que aquela admoestação não fôra esquecida, pois, na segunda tese a autora tornou presentes — e com evidência — não somente o homem, mas também a mulher. Mencionou a questão da aquisição das escravas pelas feitorias baleeiras e mais assuntos correlatos tratados pela candidata.

Louvou a descrição das cenas da caça e do retalhamento do cetáceo, onde encontra até mesmo laivos literários. Não obstante acusou certas imprecisões de linguagem no decorrer do trabalho. Encontrou referências à medidas antigas sem comparação com as atuais, o que ocasiona algumas dúvidas e citou como exemplo: canadas, almudes, pipas, quintais. Deveria ter sido feita uma redução das antigas para as atuais.

Tratando da referência da pg. 108 sobre o pagamento da siza na venda dos escravos, lembrou que na época este imposto incidia não só nas transações de bens imóveis, como atualmente, mas também nos móveis.

Perguntou ainda por que, se o escravo representava investimento de capital e era preservado dos perigos do mar para ser usado nos trabalhos em terra, por que no capítulo que se refere às suas doenças, dá a autora impressão de que os administradores pouco se preocupavam com êles?

Abordando o problema do título do trabalho, lembrou que Oliveira Martins define feitoria como colônia comercial (particular ou militar) e perguntou: será que a “feitoria” baleeira se enquadra nesta definição? Aliás a expressão poderia ter sido mais empregada no decorrer do trabalho.

Resposta da candidata.

Ao evocar o primeiro encontro com o seu examinador, em circunstâncias semelhantes, há alguns anos atrás, por ocasião do seu doutoramento, a candidata agradeceu-lhe a presença nesse momento junto à banca julgadora, a arguição proferida e, referindo-se novamente ao passado, as provas de estima e confiança, o encorajamento e o estímulo que dêle recebera.

Respondendo à referência feita às mulheres na armação, lembrou que quando o escravo era trabalhador diligente recebia como prêmio uma esposa destinada a suavizar-lhe as agruras do cativo.

No que se refere aos laivos literários não cogitou propositadamente dêles, se transpareceram foram fruto da observação pessoal durante uma pescaria na região de Cabo Frio.

Quanto às imprecisões de linguagem, afirmou a candidata, resultarem na maioria das vezes, lamentavelmente, de falhas provenientes da execução técnica do trabalho, ou seja da parte datilográfica das matrizes para impressão em **offset**, independentes de sua vontade.

Sobre a questão das medidas não houve possibilidade de uniformizá-las, uma vez que apresentavam no passado grande disparidade entre Brasil e Portugal e mesmo de região para região, quer na Metrópole quer na Colônia.

No que concerne à preservação e ao desgaste do escravo, explicou a candidata que se era nas Armações do Sul do Brasil resguardada a sua vida ante os perigos decorrentes da pesca da baleia oferecidos pelo mar, não teria sido êle poupado dos árduos e estafantes trabalhos terrestres decorrentes da manufatura do óleo, que lhe consumia mais lentamente a vida permitindo assim às "fábricas" e dependências anexas, usufruir por mais tempo o capital humano que representava o negro. Quanto ao conceito de "feitoria", que no caso ver de "feitorar = fabricar", evoluiu durante os tempos coloniais, como evoluiu a palavra "colônia" desde a Antigüidade até os tempos modernos.

A palavra "armação", significando aparelhagem da pesca, acabou por sobrepujar o termo "feitoria" que existe todavia em documentos coevos e procurou empregá-lo a autora, para que não desaparecesse totalmente.

Arguição do Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda.

Começou o Prof. Dr. Buarque de Holanda por afirmar que seria breve, porque era o último dos examinadores e muitas das objeções que tinha em mente haviam sido feitas pelos precedentes. Expressou ainda sua satisfação em participar da banca examinadora da Profa. Dra. Myriam Ellis, cuja personalidade bem conhece pela sua dedicação à Cadeira de História da Civilização Brasileira, ao trabalho e à pesquisa. Afirmou também que sendo a tese em questão um trabalho verdadeiramente pioneiro, não contou com auxílio de monografias anteriores, tendo enfrentado a Autora grandes dificuldades em matéria de bibliografia. Elogiou o interesse e a disposição da candidata em se aventurar numa pescaria de baleias, experiência que constitui um real exemplo de "observação participante" preconizada por etnólogos e sociólogos. O trabalho, ponderou o examinador, é importante para a História do Brasil, pois, revela uma atividade secundária digna de atenção, que demonstra que o óleo de baleia desempenhou na época o papel do petróleo nos nossos dias. Segundo o examinador, a candidata prendeu-se demasiadamente ao documento na exposição, deixando, talvez por timidez, de entrar na interpretação. Há uma au-

sência de elaboração nos dados quantitativos que se apresentam às vezes em estado bruto. Aconselhou refazer a tabela da pg. 19, onde valor (cruzado = 400 réis). A excessiva obediência ao documento revalor (cruzado 400 réis). A excessiva obediência ao documento revela escrúpulo demasiado e pode redundar em erro. Sugeriu que o exame das Atas da Câmara de Salvador poderia proporcionar dados sobre contratos para completar o quadro da página 19.

O examinador chamou atenção para um pequeno engano da tese sobre o nome de um contratador, repetindo aliás, erro do documento publicado nos **Documentos Históricos** (vol. LXXXIII, pg. 209), onde consta Diogo Inácio Velasco em vez de só Inácio Velasco. Na pg. 288 encontrou uma confusão entre **dízima**, que era um tributo civil, aduaneiro, ou sobre as pescarias e os **dízimos** (reais) que eram as décimas eclesiásticas provenientes dos frutos que se colhessem ou de outras rendas da terra ou casas, e que também se chamavam **dízimos prediais**.

O termo baleeiro **yankee** disse não ser muito preciso, uma vez que ele se refere aos americanos da Nova Inglaterra, e havia pescadores de Nova York e da Virgínia.

Resposta da candidata.

Finda a arguição do Prof. Dr. Buarque de Holanda, a candidata expressou ao seu examinador a sua gratidão pela confiança que lhe tem sido depositado, pela atenção continua e perene estima de que tem sido alvo e pelo apóio e prestígio recebidos durante os vários anos de trabalho em comum na Cadeira de História da Civilização Brasileira.

Quanto ao problema da uniformização das medidas, preferiu não fazê-la diante das dificuldades insuperáveis com que se deparou e explicou o caso dos vasilhames ou cascos. Assim quanto às pipas, barris e barricas havia três tipos de cada uma delas (grandes, médias e pequenas) que por sua vez variavam de tamanho conforme fossem feitas em Portugal ou no Brasil. No que se refere aos preços preferiu não fazer a redução de cruzados para mil réis por causa do problema difícil das oscilações monetárias. A citação das **Dízimas reais** da pg. 288 decorreu da fidelidade a documentos da época.

As Atas da Câmara de Salvador foram consultadas; teria deixado escapar, todavia, a minúcia citada o que implicava em correção futura, por ocasião da publicação da tese. A expressão **yankee** foi usada premeditadamente como uma generalização para todos os norte-americanos que no século XVIII e XIX dedicaram-se à pesca da baleia e especialmente que "baleiaram" no Atlântico brasileiro.

*

Terminada a prova de defesa de tese pela Profa. Dra. Myriam Ellis, os membros da Comissão Julgadora emitiram seus pareceres finais e declararam a candidata devidamente aprovada.

LAIMA MESGRAVIS



A OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTOR "HONORIS CAUSA" PELA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO AO PROFESSOR
JEAN GLÉNISSON.

Aos 29 de agosto de 1966, às 17 horas reuniu-se no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na Rua Maria Antônia, 294, a Assembléia Universitária, convocada e presidida pelo Magnífico Reitor, Prof. Dr. Luís Antônio da Gama e Silva, para a outorga do título de doutor "honoris causa" pela nossa Universidade ao Prof. Jean Glénisson.

Após a leitura da ata da sessão pelo Sr. Secretário da Universidade, Dr. Júlio Mário Stamato, o nôvo doutor prestou o juramento de praxe.

Em seguida, o Magnífico Reitor concedeu a palavra ao Prof. Eurípedes Simões de Paula que, em nome da Universidade de São Paulo, saudou o Prof. Jean Glénisson. O seu discurso foi o seguinte:

"Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Luís Antônio da Gama e Silva.

Excelentíssimo Sr. Vice-Reitor e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri.

Senhores Membros do Conselho Universitário.

Senhores Professores.

Minhas senhoras, e meus senhores.

Meu caro colega.

Esta Assembléia Universitária, convocada e presidida pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Luís Antônio da Gama e Silva, tem por objetivo precipuo conceder o título de Doutor **Honoris Causa** ao erudito Prof. Jean Alexandre Henri Glénisson.

Dir-se-ia desnecessário esclarecer que se trata de reconhecimento público de um trabalho de pioneiro e de um mestre. Pois, em 1957, ao ser criada a disciplina de "Introdução aos Estudos Históricos", com vigência no ano seguinte, mais uma vez recorremos ao Prof. Fernand Braudel, que foi quem, como todos sabem, deu a primeira estrutura ao nosso Departamento de História e nestes últimos 30 anos continua manter-se sintonizado conosco. E o mestre dos historiadores franceses escolheu o sub-diretor de estudos da **Vie Section da École Pratique des Hautes Études (Sorbonne)** para lançar a primeira semente de um nôvo curso, na terra dos Bandeirantes.

Um pioneiro a enviar um outro pioneiro. Durante os anos de 1958 e 1959, o Prof. Glénisson não limitou-se a lecionar uma nova disciplina, cuja importância se evidencia pelo fato de facultar ao estudante as bases para o estudo e a compreensão da História. Justificar-se-ia lembrar que, de acôrdo com o Regulamento da Faculdade, essa disciplina, atualmente denominada "Metodologia e Teoria da História" é o único pré-requisito exigido para a matrícula nos cursos regulares do nosso Departamento.

O Prof. Glénisson sentindo, como um desbravador, o pêso de tamanha responsabilidade, num campo onde quase tudo estava por fazer — tornou-se o mais assíduo **habitué** de nossos arquivos, de nossas bibliotecas. Dêsse esforço, dessas peregrinações qüotidianas, dessas consultas realizadas sistematicamente e despreendidamente, brotaram resultados os mais positivos. De um lado, as diretrizes do próprio curso recém-criado e de outro anotações que lhe facultaram escrever uma obra de mestre que, por si só, é uma autêntica consagração. — Referimo-nos ao livro “Iniciação aos Estudos Históricos”, publicado nesta Capital em 1961, pela Difusão Européia do Livro e que, indiscutivelmente (é ponto pacífico) veio preencher uma lacuna na historiografia brasileira.

Um depoimento aqui se justifica. Continuamente temos sido solicitados por Faculdades distantes, dentre elas as de São Luís, Fortaleza, Natal, Salvador, Curitiba, Florianópolis e mesmo as do nosso Estado — Franca, Assis, Marília — no sentido de lhes encaminhar professores de História ou Metodologia e Teoria da História. Dada a impossibilidade de atender a tôdas, pois faltam-nos professores especializados, recomendamos-lhe o livro do Prof. Glénisson, ou então, sugerimos que as próprias Faculdades nos enviem professores e assistentes para seguirem os cursos que, no nosso Departamento estão sendo ministrados pelo seu digno sucessor, o Prof. Yves Bruand. Foi o que irá fazer a Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte, que nos enviará o Prof. Hélio Dantas para seguir cursos de pós-graduação em Metodologia e Paleografia. Para a Universidade da Bahia seguiu este ano um dos nossos instrutores, o Prof. István Jancsó, a pedido do diretor de sua Faculdade de Filosofia, o Prof. Thales de Azevedo. E, ao que sabemos, em muitos cursos de História em diversas Faculdades de Filosofia, a fonte de referência obrigatória continua sendo o livro do Prof. Glénisson, uma espécie de “bíblia” da Introdução aos Estudos Históricos.

Impõe-se reconhecermos os fatos acima relatados, que por si só justificariam, e muito, a concessão da láurea magna da nossa Universidade ao Prof. Jean Glénisson.

Mas há muito mais. Homenagem, reverência, prestada ao pesquisador, ao professor que tanto vêm se destacando na linha de frente dos historiadores contemporâneos. Antes desejamos assinalar dois outros pontos, visualizados pela nossa sensibilidade paulistana. O Professor Glénisson não retornou apenas para centralizar esta solenidade. Muito pelo contrário. Licenciou-se por dois meses do honroso cargo de Diretor do Instituto de Pesquisa e História dos Textos e de ocupações outras, igualmente absorventes, para voltar ao convívio de seus colegas e alunos brasileiros. E aqui se encontra, na qualidade de professor-visitante da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval, ministrando um curso de extensão universitária, lá na Cidade Universitária, sobre “Um século em crise — 1350-1450”, do qual, gostosamente, somos um dos seus alunos.

A fim de vinculá-lo mais ao nosso Departamento de História, confiamos-lhe a solução de uma outra lacuna: as diretrizes, a organização de um Centro de Documentação. A receptibilidade ao nosso

apêlo — manifestada desde a primeira correspondência e a remessa, já em nossas mãos, de quase um quintal de fontes impressas e fotocópias de documentos — nos faculta supor que se trata de uma de suas preocupações mais caras. E, que, mais uma vez fiel à sua vocação de pioneiro, há de preencher mais uma lacuna, dentre outras que sabemos existir em nosso Departamento. Aos céticos, caso existam, justifica-se lembrar que êsse Centro de Documentação, ainda embriônico, conta com o decidido apêlo do Diretor-científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Dr. William Saad.

Se a tônica de um cientista pode ser avaliada pela fecundidade de suas pesquisas, dos próprios cursos ministrados, o muito que o Prof. Glénisson vem realizando no campo da historiografia justificaria, mesmo sem a sua vinculação ao nosso Departamento, a magna homenagem que hoje lhe está sendo prestada.

Dentre as pesquisas realizadas e publicadas, destacar-se-ia uma outra obra pioneira: **La Peste Noire** que contou com a colaboração de Mademoiselle Elisabeth Carpentier e foi editada pela Livraria Arthaud, no ano passado.

De uma expressiva relação de documentos interessa-nos mais de perto:

Clément IV (1342-1352). Lettres closes, patentes et curiales se rapportant à la France, publicado em Paris, por De Boccard. 1958-1961 (Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome). Em colaboração com G. Mollat e E. Deprez.

Ainda: **Registres du Trésor des Chartes. Tome I. Règne de Philippe le Bel**. Publicado em 1958, pela Imprensa Nacional de França. (Na série **Inventaires et documents**, sob a direção de R. Fawtier e em colaboração com J. Guerout).

Quanto aos seus numerosos artigos, no campo de sua especialidade, a sua enumeração se justificaria se mencionássemos o veículo, os órgãos em que foram divulgados, como sejam:

1. — na série **Mélanges d'archéologie et d'histoire de l'École française de Rome**;

2. — na **Rivista di Storia della chiesa in Italia**;

3. — na série da **Bibliothèque de l'École des Chartes**;

4. — na revista **Le Moyen Age**;

5. — na revista **Annales**;

6. — e na sua réplica brasileira, a **Revista de História**, órgão oficial do Departamento de História e da Sociedade de Estudos Históricos.

*

Recentemente, no XII Congresso Internacional de História, em setembro de 1965, tivemos oportunidade de testemunhar a expressiva receptividade aos dois volumes apresentado pelo Comitê Francês de Ciências Históricas sob o título: **Vingt-cinq ans de Recherche Historique en France (1940-1965)**, iniciados sob a direção do saudoso Yves Renouard e completados por Jean Glénisson.

Mencionar em linhas gerais artigos do Prof. Glénisson, uns conhecidos por nós, outros arrolados, provocaria em todos os seus admi-

radores o desejo de conhecer aqueles que ainda estão inéditos. E porque estão ainda inéditos? Pensamos principalmente na sua tese defendida na École des Chartes: **Les enquêteurs réformateurs de 1270 à 1328**, que poderá ser um eventual roteiro a ser seguido por aqueles que se iniciam na carreira universitária, nesta nossa promissora floração de teses de doutoramento, de livre-docência e mesmo de cátedra.

Um outro trabalho ainda inédito, desperta justificada curiosidade. Referimo-nos à memória apresentada à Escola Francesa de Roma sob o título: **Étude sur l'administration des provinces italiennes de l'État pontifical, de la mort d'Albornoz au Grand Schisme**.

Trabalhos que podem ser considerados como credencial permanente de uma carreira universitária das mais significativas, especificamente no campo da pesquisa. Em que, com a modéstia que o caracteriza preocupa-se antes e acima de tudo, em fornecer, fabricar, preparar instrumentos de trabalho para eventuais pesquisadores. Assim é que, após bacharelar-se em 1938 pelo Collège de Cognac, ingressou na Faculdade de Letras de Poitiers (um dos mais famosos centros de estudos sobre a Alta Idade Média, onde também estagiou um nosso assistente: o Lic. Vitor Deodato da Silva, que também foi na École des Chartes da Sorbonne aluno do Prof. Glénisson depois de o ter sido aqui). Nessa Faculdade de Letras de Poitiers obteve certificados de História Antiga, História Medieval, História Moderna, Estudos literários e clássicos.

A meta seguinte foi a justamente famosa École des Chartes onde conquistou o diploma de Bibliotecário e Paleógrafo-Arquivista.

*

O mais jovem, na ordem cronológica, Doutor **Honoris Causa** da Universidade de São Paulo, talvez o seja também em idade, pois o Prof. Glénisson nasceu apenas a 45 anos em Jonzac, no Departamento de Charente-Maritime, numa data histórica para os paulistanos, 25 de janeiro de 1921. Dizíamos, o jovem mestre francês não se limitou à serenidade, ao isolamento olímpico dos arquivos. Pesquisador e Professor, ocupou e ocupa cargos tanto de magistério, como de direção.

Assim, recém-formado, foi convidado para integrar a equipe de pesquisa da Escola Francesa de Roma. Apenas dois anos de fecundas atividades. Ei-lo em seguida, no campo da Arquivística, como titular de um cargo nos Arquivos Nacionais da França, onde teve oportunidade de publicar, juntamente com dois outros colegas, dois valiosos inventários analíticos de registros, correspondente aos períodos 1319-1328 e 1338-1350.

Eis que lhe surgiu uma nova missão em outro continente. Foi nomeado conservador-chefe dos serviços de Arquivos e Bibliotecas da então África Equatorial Francesa, permanecendo alguns anos em Brazzaville. Após, foi indicado como sub-diretor de estudos da **École Pratique des Hautes Études (VI^e section)**, retornando à França em 1957. Foi desse posto, a pedido nosso, que o Prof. Fernand Braudel o

foi buscar para lançar as bases de um novo curso, de uma disciplina nesta sua e nossa Faculdade, sempre fiel às tradições que remontam à sua fundação: profunda vinculação com a sempre jovem França.

Infelizmente, sua permanência foi efêmera, pois partiu daqui para assumir o seu novo posto de diretor de estudos na **École Pratique des Hautes Études, VI^e section**, na Sorbonne.

Alongamos-nos nesta tentativa de esboçar o muito que realizou e realiza o nosso mestre francês, hoje vinculado para sempre ao nosso Departamento, à nossa Faculdade e à nossa Universidade. E sabemos não haver dito o que desejaríamos dizer. Apenas um ponto é pacífico: o Colendo Conselho Universitário, ao conceder-lhe, por unanimidade, na sessão de 30 de julho de 1965, o título de Doutor **Honoris Causa**, penitenciou-se de uma falta, a de haver tardado tanto em homenagear a quem de direito já era de há muito merecedor de tal galardão.

*

Em seguida, o Prof. Jean Glénisson proferiu o seguinte discurso de agradecimento:

Excellence,
Monsieur le Directeur,
Mes chers collègues
Mesdames, Messieurs,

Je me sentirais indigne des éloges, trop bienveillants, que vient de me décerner Monsieur le Prof. Simões de Paula, indigne aussi de recevoir le doctorat que me confère aujourd'hui l'Université de São Paulo, si je n'en reportais aussitôt le mérite et si je n'en faisais l'hommage aux maîtres français qui m'ont précédé ici.

Historien, je ne crois pas trahir la vérité historique, en soutenant que divers domaines de l'enseignement supérieur français (la sociologie, l'histoire, la géographie notamment) sont actuellement entre les mains des Paulistes — je veux dire des professeurs qui, après avoir, pendant de longues années enseigné dans cette Faculté, occupent aujourd'hui, au sein de notre Université des positions éminentes.

Des souvenirs communs, une fidélité constante à leurs anciennes amitiés, un amour véritable du Brésil, ont tissé entre eux des liens dont les non-initiés ne devinent pas l'origine, et ne saisissent pas la solidité: elles n'apparaissent qu'aux disciples venus après eux et sur leur recommandation, enseigner dans les chaires qu'ils occupèrent. Je ne révélerai pas les noms des membres de cette société secrète ... Ou plutôt, je n'en révélerai qu'un, qu'il serait injuste de taire aujourd'hui et en ce lieu.

Bien avant de soupçonner même qu'un jour je viendrais au Brésil, l'enseignement de M. Fernand Braudel m'avait révélé le charme et l'histoire de ce pays. Quelques uns de ceux qui m'écoutent pourraient sans doute en témoigner: au Collège de France, ou à l'EPHE, il n'est guère de leçon au cours de laquelle M. Braudel n'évoque ses souvenirs brésiliens. Comme l'a dit M. le Professor Simões de Paula, c'est à lui que je dois d'être ici, puisqu'il a bien

voulu, il y a bientôt huit ans, proposer mon nom au choix du département d'histoire. C'est donc à lui que je dois deux des meilleures années que j'aie vécues. Je tenais à lui en témoigner publiquement ma reconnaissance. Et sans doute ne le remercierai-je jamais assez de m'avoir permis d'acquiescer parmi vous les très précieuses amitiés, grâce aux — quelles, — j'ai bien garde de me le dissimuler — je reçois aujourd'hui un si précieux honneur.

Sans doute ne puis-je remercier nommément tous ceux d'entre vous qui ont voulu, en me conférant le doctorat me faire à jamais membre de l'Université de Saint Paul. Qu'il me soit permis au moins de prononcer le nom de M. le Professeur Simões de Paula dont tant de mes compatriotes ont éprouvé l'inlassable gentillesse, La *Revista de História* qu'il a fondée, qu'il continue de diriger, contribue tout en honorant hautement cette Université, à garder vivants entre tous les historiens français qui sont ses correspondants, les liens étroits dont je parlais tout à l'heure. Qu'il me soit permis aussi de dire mon affection à mon ami très cher et très respecté, M. le Professeur João Cruz Costa, profond connaisseur des choses de son pays, constant ami du nôtre, dont nul d'entre nous n'a sollicité en vain la science et qui a tant contribué à nous faire aimer le Brésil. A ces deux maîtres je dis ma très profonde et très sincère gratitude. C'est grâce à eux et grâce aussi à Dona Emília Viotti da Costa, qui fut des le début associée à mon enseignement que j'ai pu naguère essayer de répondre à l'attente du département d'histoire.

Après bientôt sept années, je mesure mieux aujourd'hui quelle profonde confiance m'était faite alors. C'est à moi qu'on demandait en effet de révéler aux étudiants de première année, la grandeur de l'histoire et les servitudes du métier d'historien. Tel fut du moins le sens profond que je crus découvrir bientôt dans l'enseignement que les règlements universitaires intitulent: Introduction aux études historiques. Grandeur de l'histoire. Servitudes du métier d'historien. Je pus rapidement constater que si mes jeunes auditeurs étaient bien persuadés de la dignité éminente de l'histoire, au sein des sciences sociales, ils comprenaient moins bien la nécessité de l'apprentissage de ces humbles techniques que sont les sciences auxiliaires et l'obligation stricte d'appliquer constamment les règles d'une critique aussi objective que possible. En un mot, ils voulaient bien de la haute synthèse, mais ils n'étaient pas loin de mépriser la simple érudition et la modeste monographie.

À vrai dire, leurs questions n'étaient pas loin de me créer un véritable cas de conscience. D'une part, membre de cette section des sciences économiques et sociales de l'EPHE qui avait tant fait, sous la direction de Lucien Febvre, puis de Fernand Braudel, pour renouveler en France la conception de l'histoire, je comprenais fort bien l'impatience de mes élèves. En leur révélant la valeur de l'hypothèse préalable, le rôle éminent de l'imagination, la nécessité d'user de tous les témoignages que le passé et le présent nous offrent, en insistant sur la parenté étroite de toutes les sciences sociales, je pouvais mes auditeurs à ne considérer comme dignes d'eux que les grandes œuvres. Mais pouvais-je oublier aussi qu'ancien élève de

l'École des Chartes, j'y avais été formé a d'austères disciplines rompu a des travaux patients et minutieux, habitué a respecter les ouvrages parfois sans grande portée apparente de nombreuses générations d'érudits? Dès lors, j'étais encliné a blâmer l'impatience de mes jeunes amis et je leur conseillais d'essayer leur forces dans des recherches soigneusement conduits sau sein des dépôts d'archives et dans les bibliothèques.

Ce faisant, je pris peu a peu conscience que j'agissais dans l'intérêt même de l'histoire brésilienne. On s'est peut-être persuadé trop vite, dans les jeunes générations, qu'archives et bibliothèques du Brésil ne pouvaient offrir rien de neuf ni d'intéressant. L'historien ne doit-il pas alors adopter ou formuler d'emblée un système, aussi harmonieux que possible, et rechercher plutôt dans les oeuvres de ses prédécesseurs que dans la documentation, tous les éléments susceptibles de vérifier et de confirmer une construction a priori? Il est plus qu'évident que cette conception comporte un danger mortel pour l'histoire. Les documents existent, au Brésil même et au dehors. Il ne s'agit que de les chercher. Beaucoup d'entre eux déjà ont été publiés d'ailleurs, dans de grandes collections, et attendent que les historiens les utilisent. Il serait absurde que subsistât encore aujourd'hui cette faille, si longtemps nefaste, qui sépara l'érudition de la synthèse, l'éditeur de textes et le chercheur de l'historien.

Certes je suis le premier a comprendre que lorsque l'on est pressé de donner a son pays une histoire digne de lui, on considère avec impatience les humbles nécessités de la recherche, les très longs délais qu'elle exige, la modestie apparente de ses résultats. J'entends bien aussi qu'il est séduisant d'adhérer des le début a un système dans lequel chaque fait viendra, sans difficulté trouver sa place. Dès lors, l'historien n'est il pas soutenu par le sentiment rassurant qu'il est impossible de l'écarter de la voie sûre?

Mais il n'est qu'une voie sûre en histoire. Elle recommande sans doute de ne jamais se contenter de la recherche pour elle-même, elle légitime a l'hypothèse de départ. Mais elle interdit aussi de persister a la soutenir si les témoignages l'infirmement. Elle fait obligation de rechercher ces témoignages et de ne rien avancer sans qu'ils aient été découverts.

Au reste oserait-on jamais soutenir que l'érudition peut être un genre a part, dont l'historien est fondé a se désintéresser? En réalité, l'érudition a pris autant de formes que l'histoire elle même. Elle n'est plus aujourd'hui ce qu'elle était au temps ou les humanistes de la Renaissance s'y plongeaient avec un enthousiasme débordant. Elle s'est adaptée. Elle fait appel aux techniques les plus récentes. Elle étudie les variations climatiques sur des périodes de quelques siècles, en mesurant les anneaux de croissance des grands conifères de l'Amérique du Nord. A l'aide du carbone 14, elle date les matériaux retrouvés dans les tombes de l'Égypte. Elle ne s'intéresse plus exclusivement aux documents d'ordre politique que renferment les archives des chancelleries. Elle n'hésite pas a rechercher les séries de chiffres établis par les services statistiques. Elle va utiliser les fiches perforées. Elle aura bientôt besoin des calculateurs électro-

ques. En un mot, elle est moderne et — pourquoi pas? — “prospective”.

Peut-on admettre davantage que l'inventaire et la publication des documents constituent une activité secondaire, indigne de l'historien? Certes, telle publication documentaire, autrefois considérée comme essentielle peut paraître maintenant démodée. C'est que l'histoire — j'entends celle que nous écrivons — se démode elle aussi. Chaque nouvelle génération d'historiens projette sur le passé l'image du monde que lui propose ou plutôt que lui impose son propre présent. Toujours vraie mais toujours partielle, l'histoire est ainsi sans cesse réécrite. Naguère, vers années 1930, un moment de la grande crise, les historiens qui n'en étaient pas encore persuadés, prirent soudain conscience de l'importance de l'économie moderne dans la vie des nations et dans l'existence quotidienne des particuliers. L'actualité joua à leur endroit le rôle de révélateur. Des faits qu'elle proposait à leur observation et à leur réflexion les inciterent des lors à recherches dans les siècles antérieurs si des situations analogues ne s'étaient pas produites. Bien entendu, ils les y découvrirent. Ils eurent la révélation du long marasme économique des années 1350 à 1450. Ils élaborèrent pour expliquer la naissance des phases de dépression à l'époque pré industrielle une théorie de la “crise de type ancien”. Cette histoire nouvelle eut besoin de sa documentation. Elle existait naturellement, dans les archives. On ne l'avait laissé dormir jusque là que parce qu'on ne la jugeait pas digne d'intérêt. Aussitôt les publications de statistiques portuaires, l'édition de la correspondance des marchands d'autrefois, prirent la place qu'occupaient, au temps où seule comptait l'histoire politique, les recueils de rapports des diplomates et des agents de l'administration.

Mais veuillez imaginer au moment que la politique et l'État soient, si l'on peut ainsi parler, réhabilités aux yeux de l'historien jusqu'alors soucieux seulement d'économie. N'est-ce pas ce qui se produit aujourd'hui? Le spectacle que le monde contemporain offre à l'historien remplit son office habituel. Il révèle la puissance d'un État qui intervient dans tous les domaines de l'activité nationale, soumis aux influences et aux pressions certes, mais modelant à son tour l'économie et la société par ses décisions d'ordre politique, aussi bien que par les démarches d'une administration partout présente. De divers côtés on commence à être tenté de transposer cette image dans le passé. On se demande en tout cas s'il est légitime de broser dans le cadre d'un pays le tableau de l'activité économique sans tenir compte de l'appareil impressionnant d'un État centralisé, en ignorant au surplus la répercussion des actes politiques sur les différents secteurs de la vie nationale. Une fois prise cette position, voici donc tous les documents politiques et administratifs, passagèrement méprisés, qui reprennent leur dignité et redeviennent essentiel à l'historien. Belle revanche pour les érudits et les modestes chercheurs qui les publièrent au siècle passé! Et justification impressionnante du travail des éditeurs de textes.

Telles étaient les réponses que j'ai cru naguère pouvoir donner à l'interrogation presque anxieuse et si touchante des jeunes his-

toriens impatients qui m'entouraient. Une toute récente expérience, les entretiens que j'ai pu avoir avec mes collègues et avec la nouvelle génération d'étudiants qui m'écoutent, m'ont bien montré que les mêmes questions restaient posées. Les réponses non plus n'ont pas changé. Comment pourrions nous, étrangers au Brésil, révéler à nos élèves le type d'histoire (car ils n'en réclament qu'un seul, répondant d'emblée à tous leurs besoins) — le type d'histoire qui convient le mieux à leur nation? Nous pouvons certes leur exposer les conceptions auxquelles nous sommes parvenus. Mais le service le plus éminent que nous puissions leur rendre c'est sans conteste de les persuader qu'ils ne parviendront pas sans effort, sans recherche patiente et sans se plier aux nécessités de la documentation, à découvrir la forme d'histoire qui rendra le mieux compte de la diversité de leur pays, des temps sociaux multiples et des sociétés contrastées qui coexistent dans son immensité.

Excellence, Monsieur le Recteur, Mes chers collègues, Madames et Messieurs.

Il est bien clair que je viens de céder au travers que l'on prête volontiers aux professeurs — celui de saisir toutes les occasions possibles pour infliger un cours à leur entourage. Au moins puis-je compter sur l'indulgente compréhension d'un auditoire composé de collègues qui sont en même temps des amis.

Mais peut-être ai-je, presque inconsciemment, cédé aussi à une sorte de désir de justification a posteriori. J'aurais dû penser alors qu'en m'accordant la marque d'estime et d'amitié que vous me donnez aujourd'hui et dont je garderai toujours le vivante souvenir — en me naturalisant en quelque sorte brésilien et pauliste, vous approuvez le sens de l'enseignement que vous m'aviez appelé à donner parmi vous, vous vouliez bien aussi et surtout reconnaître non point, certes, des mérites que je suis loin de posséder, mais une bonne volonté et une affection que je crois sincèrement vous avoir toujours manifestées.

*

Finalizando a cerimônia, o Magnífico Reitor fez suas as palavras do Prof. Eurípedes Simões de Paula e, agradecendo a presença dos membros do Conselho Universitário, professores, representante do Consulado da França, alunos e demais pessoas convidadas, deu por encerrada a sessão que outorgou mais um título de doutor "honoris causa" da Universidade de São Paulo a um ilustre professor universitário francês:

MARIA REGINA CUNHA RODRIGUES

*

*

*

**EXPOSIÇÃO DA COLEÇÃO BEZZI DE ARTE PRÉ-COLOMBIANA
NO MUSEU DE ARTE E ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO.**

A mostra de arte pré-columbiana que o Museu de Arte e Arqueologia da Universidade de São Paulo apresenta como sua segunda

exposição temporária, de novembro de 1966 a abril de 1967, foi adquirida no Perú, na primeira metade do século passado pelo General Alvarez, último governador espanhol de Cusco. Passando pelo Rio, de volta à Europa, vendeu-a a um certo Sr. Barbosa, de quem a adquiriu o engenheiro Tommaso Gaudenzio Bezzi, a cuja herdeira, D. Vera Bezzi Guida, atualmente pertence.

São 76 peças que abrangem várias épocas das antigas culturas do Perú, desde Gallinazo (início da era cristã) até Inca tardio e Inca (séculos XV e XVI).

Infelizmente, as peças nunca foram estudadas. Existe uma única publicação, feita por Thomas Ewbank, viajante inglês que, em sua obra *Life in Brazil or The Land of the Cocoa and the Palm*, Londres-Nova Iorque, 1856, dedicou um apêndice à coleção, incluindo desenhos e explicações que revelam mais um espírito curioso e imaginativo do que uma formação científica e real conhecimento das civilizações pré-colombianas. Daí resulta que, do ponto de vista arqueológico, a coleção apresenta certas dificuldades para o trabalho de classificação e identificação. O rigor não pode ser grande, já que não se conhece com certeza a proveniência específica de cada peça e muito menos o contexto arqueológico. A identificação precisou ser feita com base sobretudo na análise estilística, critério que em alguns casos pode deixar dúvidas quanto a culturas e datas. Mesmo assim, entretanto, pareceu-nos justificar-se a apresentação desta coleção. A repercussão alcançada pela mostra de arte pré-colombiana por ocasião da VII Bienal de Arte de São Paulo demonstrou que sempre foi grande a curiosidade do público brasileiro sobre as antigas culturas americanas. Pena é que tal interesse não possa ser alimentado regularmente, já que faltam tanto coleções públicas ou particulares de relevância e fácil acesso, quanto bibliografia especializada e cursos de formação. No entanto, tais estudos poderiam ter entre nós extraordinário alcance, não só pelo fascínio que essas culturas encerram, em si, e pelo riquíssimo mundo de formas que desvendam e que tanto tem excitado a sensibilidade de artistas contemporâneos, como também pela vinculação que as prendem a algumas culturas indígenas do norte do Brasil (Marajó e Santarém).

No catálogo, as peças estão apresentadas aproximadamente de acordo com a cronologia. Só foram indicadas datas quando houve possibilidade de delimitar com um mínimo de precisão a ocorrência de determinado estilo. Para os demais casos, convém referir-se ao quadro cronológico.

A D. Vera Bezzi Guida o MAA expressa seu vivo reconhecimento por ter permitido a apresentação de sua coleção. Estende o reconhecimento a especialistas que foram consultados sobre questões diversas, Rosa Fung, Luís Guillermo Lumbreras, Oskar P. Landmann e Sra. e José Moacyr Coutinho.

VERA PENTEADO COELHO

*

* *

CONGRESSO HISTÓRICO INTERNACIONAL — VIII CENTENÁRIO DA PRIMEIRA LIGA LOMBARDA.

Sob os auspícios das Universidades lombardas reunir-se-á de 4 a 8 de setembro de 1967 na cidade de Bérgamo (Itália) um congresso histórico internacional e que terá como finalidade comemorar o **VIII Centenário da Primeira Liga Lombarda**. A referida Liga, mais um capítulo da política italiana do imperador Frederico Barbaruiva, foi fundada a 7 de abril de 1167.

Durante a realização do Congresso, renomados historiadores europeus discutirão problemas os mais diversos relacionados com a civilização comunal. O temário será o seguinte: prof. Ernesto Sestan (Universidade de Florença), **O conflito entre Império e Comunas nas interpretações historiográficas**; prof. Emílio Cristiani (Universidade de Pisa), **Classes sociais, facções e lutas pelo poder nas Comunas italianas**; prof. Heinrich Appelt (Universidade de Viena), **A política imperial com relação às Comunas italianas**; prof. Marcel Pacaut (Universidade de Lyon), **A política papalina com relação às Comunas italianas**; prof. Armando Saponi (Universidade Bocconi de Milão), **Caracteres e expansão da economia comunal italiana**; prof. Roberto Sabatino Lopez (Universidade de Yale), **Caracteres e expansão da economia comunal européia**; prof. Giovanni de Vergottini (Universidade de Bolonha), **As instituições comunais e as teorias sobre o governo urbano**; prof. Ugo Nicolini (Universidade Católica de Milão), **O ordenamento jurídico comunal**; prof. Arch. Ferdinando Reggiori, **Aspectos urbanísticos e arquitetônicos da civilização comunal**; prof. Angiola Romanini (Universidade de Pavia), **As artes figurativas na época das Comunas**; prof. Giuseppe Martini (Universidade de Milão), **A Historiografia lombarda na época comunal**; prof. Karl Ferdinand Werner (Universidade de Heidelberg), **Relações entre Condes e Bispos nas cidades da Europa central nos séculos X-XI**; prof. Jarl Richard Bruehl (Universidade de Colônia), **Palatium e Civitas**; prof. Cinzio Violante (Universidade de Pisa), **Discurso conclusivo**.

A participação do Congresso está aberta a todos os estudiosos: estes, até o dia 10 de maio, devem fazer a sua inscrição na "Secretaria do Congresso Histórico Internacional sobre problemas da Civilização comunal — Departamento da Instrução Pública — Prefeitura de Bérgamo, acompanhada de uma taxa de inscrição (2.000 Liras) e que poderá ser remetida por intermédio de vale postal consignado à Prefeitura de Bérgamo; aos inscritos será enviado o programa com o diário do "Congresso", com todas as informações relacionadas com a possibilidade e condições de estadia em Bérgamo; para facilitar a participação de jovens estudiosos, italianos e estrangeiros, vêm de ser postas em concurso bolsas de estudo (25.000 Liras cada uma para os residentes na Itália e 35.000 Liras para os residentes no exterior); os interessados nessas bolsas deverão fazer seu pedido à "Secretaria do Congresso Histórico Internacional sobre problemas da civilização comunal — Departamento da Instrução Pública — Prefeitura de Bérgamo" até o dia 1 de maio, anexando os seguintes documentos: a)

título universitário; b) atestado de um professor universitário ou estudioso qualificado comprovando o interesse do candidato em seguir o curso; c) "currículum" dos estudos realizados; d) publicações; e) outros eventuais títulos.

ALDO JANOTTI

*
* *

IV SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA.

(3a. circular).

Está sendo divulgada a 3a. Circular do IV Simpósio da Associação dos Professores Universitários de História, que se realizará em Porto Alegre, em setembro, por ocasião da Semana da Pátria. Por essa circular a Profa. Alice Piffer Canabrava, 1a. Secretária da APUH, anuncia que o prazo da entrega dos originais para a publicação prévia dos trabalhos expira a 1.º de maio, não havendo prorrogação na data, pois serão necessário pelo menos 4 meses para a impressão desse I volume dos **Anais**.

Tôda a correspondência relativa ao Simpósio deverá ser dirigida à Profa. Alice Piffer Canabrava (Secretária-Geral). Caixa Postal n.º 8030. São Paulo.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*
* *

IX COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MARÍTIMA.

(1a. circular).

Por iniciativa da Sub-Comissão espanhola, será realizado em Sevilha o IX Colóquio Internacional de História Marítima, de 28 de setembro a 3 de outubro de 1967.

O tema da reunião será o estudo das **rotas do Atlântico**. Segundo o costume desses Colóquios, os problemas que englobam o tema proposto serão objeto de relatórios gerais, cujas posições serão divulgadas com antecedência, a fim de facilitar as discussões. No desejo de realizar uma reunião de alto nível, ficou deliberado que o número das comunicações seria necessariamente reduzido.

Em seguida, daremos o programa da organização do Colóquio, proposto pela Sub-Comissão espanhola. Os nomes das pessoas encarregadas dos relatórios serão divulgados na 2a. circular.

As inscrições deverão ser dirigidas ao Presidente da Comissão Internacional — Prof. Michel Mollat — 1, rue Bausset, Paris, XVe.

O preço das inscrições será de 20 francos franceses e de 10 para os acompanhantes. Essa quantia deverá ser remetida para a **Commission Internationale d'histoire maritime. Banque Nationale de Paris, 148 rue Lecourbe, Paris XVe: Compte n.º 28.824.**

*

Programa.

5a. feira, 28 de setembro de 1967: 18 horas: conferência de abertura
Colóquio no salão dos Almirantes dos Reais Alcázares.

6a. feira, 29 de setembro:

Manhã: 10-13 horas. Sessões conjuntas: As rotas do Atlântico.
Problemas geográficos.

Secção I: Comunicação: As rotas espanholas do Atlântico.

Secção II: Comunicação: As rotas portuguesas do Atlântico.

Comunicação: As rotas holandesas do Atlântico.

Tarde: 17-20 horas.

Secção I: Comunicação: Os italianos e a abertura das rotas atlânticas.

Comunicação: O armamento italiano nas rotas atlânticas do século XIX.

Secção II: Comunicação: Os noruegueses nas rotas do Atlântico.

Comunicação: Os alemães nas rotas do Atlântico.

Sábado, 30 de setembro.

Manhã: 10-13 horas. Sessões conjuntas: A conexão entre o Atlântico e o Pacífico até Frei André de Urdaneta.

Tarde: Visita à cidade.

Domingo, 1 de outubro.

Excursão pelo Guadalquivir (começo da rota das Índias). Regresso por Xeres de la Frontera. Visita a uma famosa adega.

2a. feira, 2 de outubro.

Manhã: 10-13 horas.

Secção I: Comunicação: As rotas francesas do Atlântico.

Comunicação: As rotas suecas e dinamarquesas.

Secção II: Comunicação: As rotas inglesas do Atlântico.

Comunicação: A frota das colônias inglesas da América e a dos Estados Unidos no Atlântico.

Tarde: 17-20 horas. Sessões conjuntas: Comunicação conjunta.

3a. feira, 3 de outubro.

Manhã: Visita ao Archivo de Índias e à Biblioteca Colombina.

Tarde: Sessão de encerramento.

Noite: Espetáculo teatral.

Recepções: Reais Alcázares — Ayuntamiento — Palácio de la Dueñas (Duquesa de Alba) e Casa de Pilatos (Duquesa de Medinaceli).

*

Nota: Nas comunicações deverão ser colocados em evidência os problemas que caracterizam o objeto desses relatórios de maneira específica. Deverá, por exemplo, ser sublinhado que as rotas atlânticas foram inicialmente o prolongamento das rotas mediterrâneas, e que em seguida inverteu-se essas posições: as rotas mediterrâneas passaram a depender das atlânticas. A logística econômica das rotas atlânticas deriva precisamente desse fato (aprovisionamento, pontos de partida, destino das mercadorias, portos, etc.). Será dedicada bastante atenção ao fato de existência de piratas e corsários nas rotas atlânticas, aos tráficos triangulares, à frequência, às demoras, aos acidentes de circulação no Atlântico. Para se evitar as repetições será solicitado ao autor da comunicação geográfica inicial, que dedique uma importância particular não só às condições físicas, mas também à noção de rota marítima e aos tipos de rota.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

* * *

I SIMPÓSIO DA HISTÓRIA DO VALE DO PARAÍBA.

Realiza-se de 19 a 22 de outubro de 1967, sob os auspícios da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e outras entidades históricas, na cidade de Lorena, o **I Simpósio da História do Vale do Paraíba**, tendo como tema principal: "O desbravamento e o povoamento do Vale do Paraíba no século XVIII".

A principal finalidade, além de estudar as fontes primárias do tema enunciado, será a de lançar um brado de alerta em defesa dos arquivos e monumentos históricos do Vale do Paraíba, que vêm sendo sistematicamente destruídos pela incúria e incompreensão das autoridades responsáveis, sem falar da omissão dos próprios interessados.

Tôda a correspondência e demais informações deverão ser dirigidas ao Prof. José Luís Pasin, Presidente da Comissão Executiva do Simpósio.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES